



Ruínas efêmeras

Ephemeral ruins

Ruinas efímeras

Paulo Eduardo Barbosa

*Grupo Museu Patrimônio Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,
Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil
pauloarqbarbosa@gmail.com*

Resumo

O ensaio visual propõe cotejar imagens efêmeras da cidade a enunciados propostos por Marc Augé na perspectiva de relacionar tensão e contensão urbanas contemporâneas.

Palavras-Chave: Ensaio visual. Aquarela. Imagem. Cidade.

Resumen

El ensayo visual propone comparar imágenes efímeras de la ciudad con enunciados propuestos por Marc Augé en la perspectiva de relacionar la tensión y la contienda urbana contemporánea.

Palabras-Clave: Ensayo visual. Acuarela. Imagen. Ciudad.

Abstract

The visual essay proposes to compare ephemeral images of the city with statements proposed by Marc Augé in the perspective of relating contemporary urban tension and contention.

Keywords: Visual essay. Watercolor. Image. City.

*Contemplar unas ruinas no es hacer un viaje en la historia,
sino vivir la experiencia del tiempo, del tiempo puro
(AUGÉ, 2003, p.24)*

DOMESTICIDADES REVELADAS

Rastros de domesticidade se exibem temporariamente impressos nas empenas de áreas demolidas da cidade e decido registrá-los. São cicatrizes domésticas dispersas e escolho algumas nos bairros de Perdizes, Pompéia, Pinheiros e Vila Ipojuca, localizados na Zona Oeste da cidade de São Paulo.

Estas *ruínas efêmeras* permanecem expostas e acessíveis por curtos períodos de tempo, às vezes horas ou alguns dias apenas, entre o período da demolição dos imóveis adquiridos pelas incorporadoras e o fechamento dos novos canteiros de obras por tapumes, intervalo em que se encontram frequentemente ocupados por estacionamentos temporários terceirizados

Neste curto período em que se expõem aos olhos dos transeuntes, as imagens impressas nestas empenas revelam domesticidades passadas expressas por restos de paredes azulejadas que sugerem uma antiga cozinha, um antigo banheiro, marcas de uma antiga escada, restos de coberturas inclinadas de antigas garagens, cicatrizes de

uma ocupação anterior que compõem uma paisagem caleidoscópica formada por planos que jamais foram simultaneamente oferecidos à observação, criando uma composição inédita percebida como uma nova paisagem. Segundo Marc Augé *“para que haya paisaje, no sólo hace falta que haya mirada, sino que haya percepción consciente, juicio y, finalmente, descripción. El paisaje es el espacio que un hombre describe a otros hombres.”* (AUGÉ, 2003 p. 49)

As novas composições geométricas, carregadas de elementos simbólicos, evocam memórias anônimas, comuns, ordinárias. Assim organizadas, em que pese forte carga identitária, poderiam ser pensadas como testemunhos da extinção do “lugar” em favor de um “não-lugar”? Como existem espaços transitórios? Augé os conceitua: *“Os não lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada de pessoas e bens (...) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são alojados os refugiados do planeta.”* (AUGÉ, 1994 p. 36)

Há nestas *ruínas efêmeras* uma singular produção de sentido em tensão com processos ativos de redesenho da cidade, estes últimos propiciados por regramentos urbanísticos definidos por planos diretores submissos a interesses de reprodução do capital no mercado imobiliário¹.

Neste período em que estas áreas não são mais as residências mas sim vagas lembranças de ambientes domésticos planejados nas empenas, rapidamente pintadas em preto para apagar suas expressões, um novo espaço temporário se implanta, muitas das vezes um estacionamento, impondo um uso transitório, lugar em suspensão, cujo papel do usuário se apresenta agora regido por um contrato, à moda do que diz Augé: *“(...) o usuário do não-lugar está com este (ou com os*

¹ Áreas já ocupadas por edificações de gabarito mais baixo nos centros expandidos das grandes cidades se tornam atrativas por meio de novos regramentos urbanos consolidados em planos diretores que alteram a densidade, positivando a relação custo benefício à reprodução do capital investido no mercado imobiliário. Estas novas regras de construção vêm equacionar questões como a supervalorização da terra impressa às áreas periféricas recentemente urbanizadas das grandes cidades e ao esgotamento dos recursos de mobilidade oferecidos pelo poder público local. O capital simbólico associado às regiões dos centros expandidos e o relativo baixo custo da terra torna o investimento mais rentável em áreas com maior oferta de infraestrutura urbana de transportes e de saneamento.

poderes que o governam) em relação contratual. A existência desse contrato lhe é lembrada na oportunidade(...) a passagem que ele comprou, o cartão que deverá apresentar no pedágio (...) são a marca mais ou menos forte deste contrato.”

Tais processos, não se mostram exclusivos da conformação da metrópole paulistana mas encontram similaridade na urbanização acelerada de outras metrópoles latino-americanas². A similitude de ocupação do território nestas cidades sugerem um fenômeno comum à urbanidade metropolitana em países vizinhos, em que diferenças culturais, geográficas e de organização social não têm se mostrado suficientes para oferecer alternativas de um espaço urbano diverso diante da pressão exercida pela força de reprodução do capital.

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si antropológicos e que contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico (AUGÉ, 1994 p.73)

Regiões distantes dos centros, com ocupações que se distinguem por uma qualidade urbanística de matriz norte-americana, em áreas planas, calçadas largas, arborizadas, com gabarito de construção em grandes alturas e tecnologias construtivas sofisticadas, são ocupadas por grandes grupos empresariais, acompanhadas por centros de compras, de serviços e áreas residenciais de alto valor agregado. Essas áreas correspondem ao que Augé aponta como “as mais características manifestações da *supermodernidade*. Esta impõe, na verdade, às consciências individuais, novíssimas experiências de solidão, diretamente ligadas ao surgimento e à proliferação de “não-lugares” (AUGÉ, 1994, p.86)

² Observe-se a transformação dos bairros junto aos centros urbanos contemporâneos que tem se dado na sequência à ocupação das regiões de Puerto Madero em Buenos Aires, de Vitacura em Santiago do Chile e próximas à Marginal Pinheiros em São Paulo.

Os planos diretores, produto das tensões entre os agentes da cidade, são o instrumento contemporâneo de planejamento creditado por Ángel Rama³ como “(...) desde sempre o melhor exemplo de modelo cultural-operativo” (Rama, 2015, p. 27). Nota-se, porém, que seu resultado material frustra o sonho que o concebe. No caso latino-americano, a cidade informal, não regrada segue desafiando as disciplinas, remetendo as cidades a uma ordem física, material, designada por Rama como “(...) submetida aos vaivéns da construção e da destruição, da instauração e da renovação, mas sobretudo aos impulsos da invenção circunstancial de indivíduos e grupos, segundo seu momento e situação” (RAMA, 2015, p. 29).

Hoje vende-se o que é demolido. Vendem-se bairros, relações de vizinhança, escala humanizada, características extirpadas valorizadas no presente como produto, tema das campanhas publicitárias dos novos empreendimentos imobiliários que descaracterizam o lugar. Lugares sem testemunho material da memória evocada e prometida.

A aquarela, técnica utilizada nestes registros, compõe-se de camadas, velaturas, que à medida que se sobrepõem, alteram por meio da transparência a superfície pintada conferindo a esta profundidades e sombras. É necessário tanto observar o tempo de secagem entre uma e outra camada de tinta, como optar por cores e luzes que no espaço escolhido se alteram a cada momento.

Opõe-se assim, por princípio, a técnica escolhida à velocidade de fruição da paisagem da cidade, e à captação de imagens conferidas pelos dispositivos digitais contemporâneos. Entretanto, é de todos os tempos que compõem esse mil-folhas da cidade contemporânea que a aquarela é feita, do tempo vivido, impresso nas ruínas de espaços domésticos imaginados e do tempo fugidio, que as justapõem revelando intimidades vendidas lado a lado como jamais se viram, compondo estranha e efêmera geometria, por horas às vezes, antes de serem cobertas de preto.

³ Ángel Rama (1926-1983) foi escritor e crítico literário uruguaio. Em seu livro “Cidade das Letras” publicado em 1983, analisa a formação das cidades latino-americanas contemplando suas pluralidades e relacionando questões urbanísticas, econômicas e sociais de maneira a enunciar relações entre os agentes letrados e as estruturas de poder.

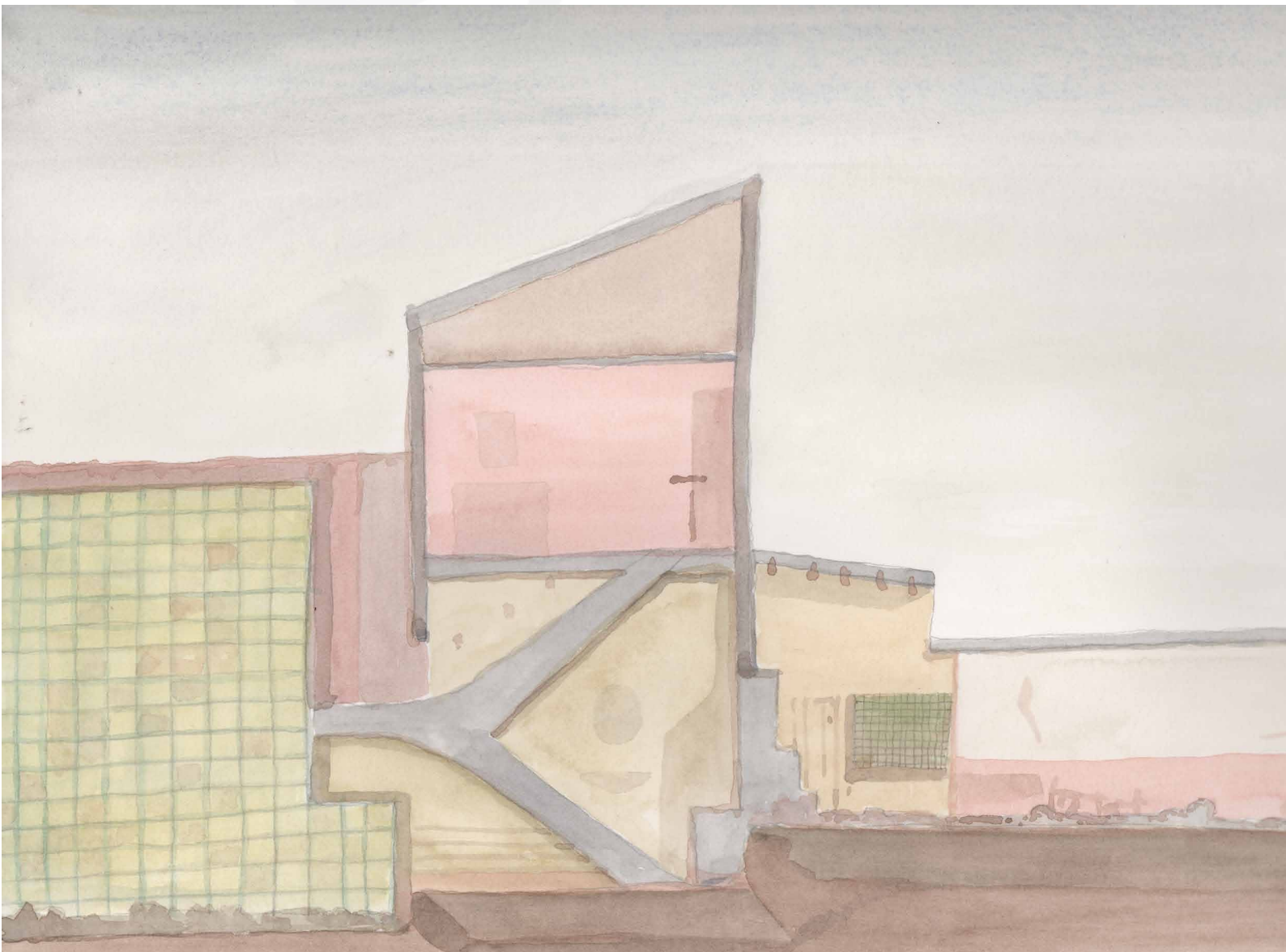


Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, Marc. Le temps en ruines. Paris: Galilé, 2003.

_____. Não Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, Papiro, 1994.

RAMA, Ángel. A cidade das letras. São Paulo, Boitempo, 2015.